

ROBERTO ZWETSCH
(ORGANIZADOR)

**500
ANOS DE
INVASÃO**

**500
ANOS DE
RESISTENCIA**

V

O ENCOBRIMENTO DA AMÉRICA*

Bartomeu Melià, S.J.

*Los jurua — los “bigotudos” —
llegaron a nuestra tierra y nos quitaron la tierra,
entraron en nuestros montes y acabaron con
nuestros montes, empezaron a cazar y terminó la
caza,
conocieron nuestras costumbres y estropearon
nuestras costumbres,
aprendieron nuestra lengua y nos hicieron hablar
otra lengua.
¡No, no podemos dejar que conozcan nuestro **teko
marangatu!** (nuestra religión)¹*

Palavras de um índio guarani

Já se falou que Colombo descobriu a América, mas não descobriu os americanos.² E isso que pode até parecer um jogo de palavras, na realidade vai mais longe: o homem e a mulher destas terras foram encobertos de um modo sistemático. A essência do “descobrimento”, sua própria razão de ser, é o “encobrimento”.

* Texto publicado na revista **Razón y Fé**, Tomo 232, n. 1.108, fevereiro 1991, pp. 159-167, traduzido por Neri Emlilio Stein.

1. Os **jurua** — os “bigodudos” — Chegaram à nossa terra e nos tomaram a terra, entraram em nossos montes e destruíram nossos montes, começaram a caçar e acabou a caça, conheceram nossos costumes e estropiaram nossos costumes, aprenderam nossa língua e nos fizeram falar outra língua. Não! Não podemos deixar que conheçam nosso **teko marangatu!** (nossa religião)

2. Tzvetan Todovov, **A conquista da América. A questão do outro**, São Paulo, Martins Fontes, 1983, p. 47.

No dia em que pisou a terra que um dia chamar-se-ia América, Colombo mostrou, de forma magnífica, como é possível velar e encobrir o que se está contemplando. A mesma máquina que tira fotografias, traz embutido o dispositivo que as vela instantaneamente. Esta é a trama do descobridor-encobridor. Para Colombo e sua gente logo ficaram encobertos três aspectos essenciais daquela sociedade indígena com a qual se deparava pela primeira vez, e com ela o essencial das sociedades indígenas que um dia viriam a ser “descobertas”. É isso que deixaria registrado em seu *Diário*, com relação ao dia 11 de outubro de 1492, num texto que pode ser considerado a ata fundacional do “encobrimento”:

En fin (estas gentes) todo daban y tomaban de aquello que tenían, mas me pareció que era gente muy pobre de todo... Y creo que ligeramente se harían cristianos, que me pareció que ninguna secta tenían. Yo, placiendo a Nuestro Señor, llevaré al tiempo de mi partida seis a Vuestras Altezas (los Reyes de España) para que deprendan hablar.³

Assim ficou evidenciada a tríplice negação da América: a de uma economia auto-suficiente, a das religiões verdadeiras, das línguas e culturas próprias.

Alguém poderá argumentar que isso aconteceu em 1492, e que muita água já passou por debaixo das pontes durante estes cinco séculos de história. Minha experiência, dos últimos vinte anos, os quais me fizeram “descobrir” várias sociedades indígenas, leva-me à

3. Finalmente, (estas gentes) tudo davam e tomavam daquilo que tinham, mas a mim pareceu que era gente pobre e carente de tudo... E acredito que logo se tornariam cristãos, pois pareceu-me que não tinham nenhuma seita. Eu, sendo do agrado de Nosso Senhor, quando de minha partida, levarei seis a Vossas Altezas (os Reis da Espanha) para que aprendam a falar”.

convicção de que os mecanismos de encobrimento pelos quais nos vemos envolvidos não são muito diferentes daqueles registrados na documentação histórica.

Tenho convivido, por períodos que vão além das chamadas excursões científicas ou experiências de campo, com três nações indígenas: os Guarani (Paraguai, Brasil e Bolívia), os Aché-Guayaki (Paraguai) e os Ena-Wene-Nawé (Mato Grosso). O “descobrimento” dos Guarani, iniciado a partir de 1505, até hoje pode-se afirmar que ainda não está concluído. Os Guayaki, embora conhecidos desde o século XVII, não mantiveram contato com a sociedade envolvente até as últimas décadas; sua “captura” foi vivenciada por muitos de nós como experiência imediata. O primeiro contato com os Ena-Wene-Nawé aconteceu em 28 de julho de 1974; eu acompanhei o fato a partir do início de 1978. Com o respaldo dessas experiências, sempre ameaçadas de encobrimento, chega-se a duvidar, às vezes até seriamente, do “descobrimento” da América.

1. A divina abundância

Porém, o que é que encobre diretamente o “descobrimento”?

Uma primeira resposta, por sinal bastante óbvia, é a seguinte: o descobridor encobre o que não entende e o que não quer entender. O descobrimento da América trazia e continua trazendo — com suas caravelas ou com seus aviões — uma ignorância técnica e uma ignorância por opção. Neste momento não posso analisar os mecanismos do encobrimento; assinalarei apenas duas das principais “figuras” condescendentes com o encobrimento: a econômica e a religiosa. À língua será dedicada a última parte deste artigo.

A primeira negação encobridora — a primeira anunciada também por Colombo — afirma que não existe uma economia indígena: os índios são pobres de tudo. O curioso é que esta afirmação é feita no mesmo instante em que o descobridor está recebendo tudo desses “pobres”. As declarações de Colombo são desconcertantes: nega a economia indígena ao mesmo tempo em que é alimentado e sustentado por ela. Colombo vê-se obrigado a reconhecer a hospitalidade indígena e a sua profunda generosidade, mas não lhe ocorre que este seja um princípio econômico. *Todo lo que tienen lo dan por cualquier cosa que les den,*⁴ dizia dois meses após sua chegada (13-12-1492). Consciente de quão estranha e incrível é sua informação para a mentalidade existente na Europa, sente-se na necessidade de dar uma justificação:

y no se diga porque lo que daban valía poco, por eso lo daban liberalmente, porque lo mismo hacian, y tan liberadamente, los que daban pedazos de oro como los que daban la calabaza de agua; y fácil es cosa de cognoscer cuando se da una cosa con muy deseoso corazón de dar (21-12-1492).⁵

Para Colombo — e isso aconteceria mais tarde com os descobridores e conquistadores que viriam — o problema surge quando se exige do índio que entregue coisas que não são necessárias. Porque o índio que dá o que é necessário ao outro, toma também o que é necessário para si. E esta última atitude representa para a

4. “Tudo o que têm dão por qualquer coisa que lhes dêem”.

5. “e não se diga por que o que davam valia pouco, por isso o davam livremente; o mesmo faziam, de um modo tão liberal, os que davam pedaços de ouro como os que davam a cabaça de água; é coisa fácil de conhecer essa quando se dá alguma coisa com um coração muito pronto para dar”.

economia de Colombo furto e roubo. Colombo esqueceu-se do que havia sentido, opta por ignorar o que viveu e acusa os índios de ladrões. Colombo escreveu o primeiro capítulo de (quase) todas as fases do descobrimento-encobrimento. Quando o índio não entrega tudo o que possui, inclusive o necessário para sua vida e de sua família, Colombo tacha-o e “descobre-o” como ladrão.

Não é o caso de lembrar aqui os inúmeros casos em que as gentes da terra receberam de “mãos cheias” os recém-chegados. A primeira impressão dos descobridores, que após difícil viagem chegavam mais famintos de comida do que de bens, foi quase sempre a de deparar-se com sociedades de abundância. Se se desencadeasse um processo de escassez, seriam os próprios descobridores os responsáveis. O caso do Paraguai é típico. Ali encontram-se os testemunhos de Ulrico Schmidl, Domingo Martínez de Irala, de Alvar Núñez Cabeza de Vaca e dos jesuítas. Reproduzo aqui o relato de Schmidl:

Ahí nos dio Dios el Todopoderoso su gracia divina que entre los susodichos carios o guaranís hallamos trigo turco (maíz) y mandiotín, batatas, mandioca poropí, mandioca pepirá, maní, bocaya y otros alimentos más, también pescado y carne, venados, puercos del monte, avestruces, ovejas indias, conejos, gallinas y gansos y otras salvajinas las que no puedo describir todas en esta vez. También hay en divina abundancia la miel de la cual se hace el vino; tienen también muchísimo algodón en la tierra.⁶

6. “Deus, o Todo-poderoso, nos concedeu ali sua graça divina que entre os já mencionados carios ou guarani encontramos trigo turco (milho) e farinha fina, batatas, mandioca poropí, mandioca pepirá, amendoim, palmeira “mbocayá” e outros alimentos; também encontramos pescado e carne, veados, porcos do mato, avestruzes, ovelhas índias, coelhos, galinhas e gansos e outras selvagerias que não posso descrever todas

Irala completa a descrição de Schmidl, dizendo:

*Y porque Dios ha sido servido... se tiene tanta abundancia de mantenimientos, que no sólo hay para la gente que allí reside mas para más de otros tres mil hombres encima.*⁷

As sociedades indígenas não só alcançam excelentes níveis de produtividade, mas também de abundância. O que se pode afirmar cientificamente é que nenhuma delas aumentou sua produtividade ou seu consumo dentro do sistema colonial. As exceções que se poderiam talvez aduzir, tal como as reduções guarani-jesuíticas do Paraguai, provêm do fato de que aí o colonialismo se manteve em níveis relativamente suavizados.

As análises e estudos teóricos mais recentes apontam na direção de que a “idade da pedra” foi uma “idade de abundância”, como mostra o livro de Marshal Sahlins,⁸ cuja tese está sendo corrigida, não no sentido de invalidá-la, mas no intuito de dar-lhe mais força.

É isso que o descobrimento encobriu sistematicamente: os princípios econômicos que permitem gerar a abundância. Ocorre que isso não é apenas um problema de ignorância técnica, mas de opção ideológica: descobrir que as sociedades podem reger-se por outros princípios econômicos seria conduzir-nos por caminhos de uma nova ordem, contrária, portanto, aos interesses particulares do próprio descobridor.

desta vez. Também há em divina abundância o mel do qual se faz vinho; há também muitíssimo algodão na terra”. **Carios** — grupo Guarani que habitava a região onde foi fundada a cidade de Assunção (1537).

7. “E porque Deus tem sido servido... existe tanta abundância de mantimentos, suficiente não só para a gente que ali reside, mas para outros três mil homens”.

8. Marshal Sahlins, *Stone Age Economics*, Chicago, 1974. Traduzido para o espanhol como *Economía de la Edad de Piedra*, Madri, Akal, 1977.

2. *Jopói*: a economia de reciprocidade

Cada dia fica mais claro que há dois sistemas econômicos fundamentais: a economia de intercâmbio, da qual a economia de mercado é a expressão mais significativa, e a economia de reciprocidade, que rege-se pelo dom e está orientada a reproduzir o dom. A maioria das economias indígenas, senão todas, eram e são economias de reciprocidade. Estas são as economias que foram encobertas; ou negou-se simplesmente que existissem, ou apenas descobertas, foram novamente encobertas, pois viu-se nelas uma ameaça para a economia colonial. Frente às economias de reciprocidade, o sistema colonial desenvolve diversas atitudes e práticas, todas elas encobridoras: identifica essas economias como formas meramente arcaicas de intercâmbio incipiente ou as relega ao campo do folclórico, cuja prática é apenas circunstancial e limitada. É o caso do *Jopói*, que de autêntica economia de reciprocidade na sociedade guarani, passa a ser nas sociedades campesinas paraguaias apenas um símbolo de certas relações de proximidade, muito restrita em relação ao tempo e dons oferecidos. Em outras palavras, a economia dos campesinos paraguaios já não mais se rege pelo *jopói*, que subsiste somente como lembrança nostálgica.

É fácil perceber que o encobrimento do sistema econômico indígena não foi uma questão de ignorância; tampouco respondia a uma vontade de superação de um modelo ineficaz; pelo contrário, este encobrimento era a condição necessária para que o “descobrimento” se mantivesse com a mesma finalidade com que havia sido iniciado: o mercantilismo. Sem o encobrimento do sistema indígena de economia, o descobrimento não tinha razão de existir; por isso, cada descobrimento,

inclusive o que se dá nos tempos mais atuais, exige sempre a destruição de uma economia indígena, seja qual for a que esteja em prática. No chamado "Paraguai moderno", o "descobrimento" dos Guayaki, na década de 70, era necessário para poder negar uma economia que a seu modo defendia a ecologia das grandes florestas do Alto Panamá e Itapúa; era necessário descobrir para encobrir essa realidade, e assim poder destruir, junto com a economia guayaki, a ecologia e o meio ambiente.

3. A religião escondida

O encobrimento chega também à religião. Desde o primeiro dia Colombo declarou-a inexistente. O fato de que os índios não tinham religião foi um dos argumentos mais insistentes entre os que se proclamavam cristãos. Um historiador chegou a afirmar que os guarani distinguiram-se "en ser finos ateístas, sin tributar adoraciones a Deidad alguna, pues todas las ignoran igualmente".⁹ Com o tempo, todavia, as religiões tornavam-se tão manifestas e tão decisivas em todo o âmbito da sociedade indígena que era absurdo querer negá-las. "Toda esta nação é muito inclinada à religião verdadeira ou falsa", tinha de reconhecer o padre Alonzo Barzana, um dos primeiros jesuítas a chegar ao Paraguai. Dessa forma, substituir ou extirpar a religião indígena passou a ser um dos objetivos mais visados da missão, como se em matéria de cristianismo fosse mais fácil primeiro criar um deserto para depois plantar.

Entretanto, o encobrimento deu-se também por outro motivo ao que parece. Havia pessoas de rara

9. "em ser finos ateístas, sem tributar adorações a Deidade alguma, pois ignoram igualmente a todas".

clareza e persistente dedicação que chegaram a possuir profundos conhecimentos da religião indígena. Fica a impressão, todavia, de que às vezes este conhecimento, com sua insondável beleza, chegou a assustar o próprio descobridor; este sentiu que devia tomar distância da fascinação que sobre ele mesmo exercia o aspecto divino dessas religiões.

Infelizmente prevaleceu, como a mais comum, a atitude encobridora que se valia de diversas razões e pretextos. Alguns, dada a excelência e bondade dos princípios morais e a semelhança de muitas crenças e práticas indígenas com a religião cristã, quiseram ver nelas o vestígio mais ou menos apagado, de uma antiga revelação divina. Noutro extremo, porém, outros diziam que todas elas não passavam de uma vulgar e mal intencionada imitação do demônio, como se o diabo fosse o macaco de Deus. De um modo ou de outro, o verdadeiro valor das religiões indígenas e seu valor divino, no que elas certamente têm de rosto índio de Deus, ficava uma vez mais velado e encoberto.

Às vezes são os próprios indígenas que escondem sua religião, pois sua experiência mostra que, uma vez descoberta, será objeto de más interpretações, de desprezo, de perseguição e até de profanação e destruição. Manifesta-se inclusive o sentimento de que o "branco" é um homem sem religião e que não sabe rezar. Na realidade os cristãos da América têm dedicado à religião muito menos tempo e energias que a maioria das sociedades indígenas. Nas comunidades indígenas da América encontra-se, com mais freqüência do que se possa imaginar, os seus "benedictinos da selva". Entre os Ena-Wene-Nawé é habitual a dedicação de 12 a 16 horas diárias à prática ritual durante ciclos que duram seis ou mais semanas. É o que vivi entre os anos de 1978 a 1982.

Penso que a Igreja Católica Romana, frente às religiões indígenas, perdeu a grande oportunidade de tornar-se mais cristã e mais católica. As religiões indígenas, com a extraordinária importância que concedem à palavra inspirada, à profecia, à presença mística de Deus na vida toda, à festa que é o sacramento da economia de reciprocidade, poderiam significar uma libertação das cadeias em que vinha encerrado o cristianismo ao chegar na América. O descobrimento não somente encobria as religiões indígenas como também o próprio Evangelho. Os missionários sentiram isso, às vezes com angústia mortal, porque sabiam que havia muito de verdade diante da acusação que lhes revelava serem eles pregadores do “deus dos espanhóis sem mais”. E trabalhar e morrer pelo “deus dos espanhóis” realmente não valia a pena.

Com a graça divina muitas comunidades indígenas reinventaram sua própria religião e viveram o Evangelho à medida que conseguiram livrar-se da opressão de certa religião colonial. Esta é a força de muitas comunidades indígenas da América que hoje nos evangelizam. Deste modo o descobrimento se liberta em parte do seu encobrimento.

4. A luta pela língua

Desde que a América é América, isto é, desde que esses outros homens vindos do Ocidente pisaram este continente pela primeira vez, a questão das línguas tem acompanhado todo o processo de conquista e evangelização. As violências, as perseguições, as ameaças, as reduções, e também as alianças, os contratos, os acordos de paz têm passado pela língua e na língua têm deixado sua marca. O estado no qual se encontram essas línguas na América é um dos melhores in-

dicadores do que tem ocorrido com as sociedades americanas. Se existe uma luta pela terra, com muito mais veemência existiu e continua existindo, uma luta pela língua. Se a terra é o lugar de todo nosso ser, econômico, político e social, a língua é o lugar do nosso modo de ser, porém, num nível mais profundo e mais íntimo. O primeiro passo de uma conquista pode ser a ocupação de um território; contudo, seu último passo, o definitivo, dá-se quando a língua de um povo também é tomada e ocupada. Não é estranho, pois, que um dos últimos refúgios da resistência dos povos esteja em sua língua.

Entender a história das línguas na América é entender em grande parte a história da América.

5. O encobrimento das línguas indígenas

O encobrimento da América, processo de negação da religião e da economia indígena, foi aplicado também às línguas. Há um processo de encobrimento das línguas americanas que, de vários modos, pretende desconhecê-las e substituí-las. Isso ainda não foi inteiramente conseguido graças à providencial debilidade do processo colonial em alguns casos, e à também providencial força de muitas sociedades americanas para resistir e manter, entre outros, a sua identidade.

A primeira atitude do colonizador é a de julgar, precipitada e orgulhosamente, que a língua dos outros, se não compreendida, não é língua. Desde o primeiro dia, Colombo deixa-se levar por esse preconceito e propõe-se a levar vários índios à Espanha para que “deprendan fablar”, aprendam a falar, como se falar na língua deles não fosse falar. O desprezo para com a língua dos outros é tamanho que chega, às vezes, ao extremo de se qualificá-la como “grunhidos”, “latidos”,

“barulho ininteligível”. Com ironia sem graça, Félix de Azara dirá que os Guarani “tuvieron el mismo maestro de lengua que ha enseñado a los perros a ladrar de la misma forma en todos los países”.¹⁰ Frequentemente o colonizador raciocina com desprezo agressivo e até com raiva contra as línguas que não entende; de modo mais ou menos direto é decretada a morte dessas línguas.

6. Entre a barbárie e o progresso

A agressão às línguas americanas é ainda apresentada sob outra forma. Essas línguas seriam “bárbaras”, o que equivaleria a dizer que são incapazes de sustentar uma vida de cultura e progresso; quer-se identificar essas línguas como fatores de estancamento e atraso. Neste caso, só é possível confundir o que chamam “barbárie” com resistência a “civilizar-se” dentro dos moldes do dominador. A própria Igreja Católica tem considerado “bárbaras” essas línguas por não se adaptarem facilmente ao discurso ou ao significado que os doutrineiros querem impor ou alcançar. E essas línguas são exatamente o lugar onde esses povos poderão ser sabiamente “bárbaros” sem ter que adotar uma “civilização” estranha, nem uma “doutrina” importada. O preço do progresso seria substituir a língua “bárbara” por outra “civilizada”.

O terceiro encobrimento dessas línguas consiste em aceitá-las como línguas diferentes, caso não haja outra solução. Não se deseja negá-las, nem pretende-se substituí-las, mas simplesmente são relegadas ao nível inferior da vida social, cultural e política. Essas línguas seriam apenas “dialetos” de um povo “inferior” e que sobrevivem da mesma forma como sobrevive o pró-

10. “tiveram o mesmo mestre de língua que ensinou os cachorros a latir da mesma maneira em todos os países”.

prio povo. E sendo inferior é necessário, afirma-se, adaptá-la a outra língua “superior”. No caso da América Latina, esta língua seria o castelhano ou o português. Caso essas línguas consigam sobreviver e manter-se nessa suposta aliança, esse processo será chamado de “bilingüismo”. O curioso nisso tudo é que ao mesmo tempo em que se propõe que as línguas sejam como dois braços e duas mãos que se complementam, supõe-se na prática que um braço é mais curto que o outro e que uma mão tem menos dedos que a outra. A noção de bilingüismo é, pois, muito enganadora nessas condições.

7. Os donos da palavra

O que se falou das línguas pode-se aplicar em grande parte à questão da linguagem e da comunicação em seu sentido mais amplo.

Nas sociedades coloniais e colonizadas, instauradas fundamentalmente sobre o senhorio e a dominação, a política lingüística será também determinar quem é o “dono da palavra”, sendo que eles ditam o que temos de ouvir e ler. Os meios de comunicação, de meios de expressão passam facilmente a ser meios de opressão e repressão. E neste jogo todo — jogo de regras duríssimas, mais apropriadas para um campo de batalha do que para uma conversação — está reservado um papel muito importante à linguagem escrita, linguagem do senhor e do ditador, por excelência.

8. A liberdade dos Guarani

As línguas americanas têm sido reduzidas a instrumentos de comunicação oral. Com isso quer-se discriminá-las ainda mais. No entanto, essa tentativa

de privá-las (de fato) de escrita e de literatura, de certa maneira as têm mantido mais livres e autênticas. Como afirmou Augusto Roa Bastos no *Yo el Supremo* (Eu o Supremo), “la tradición oral es el único lenguaje que no se puede saquear, robar, repetir, plagiar, copiar”.¹¹ Os sintomas coloniais sabem que nas línguas indígenas, que são memória e tesouro do povo, há um potencial enorme de liberdade e por isso querem reduzi-las por todos os meios e a todo custo.

O guarani é uma língua que tem suportado ataques de muitas naturezas: tentativas de substituição, desprezo, redução, dependência... Não se pode dizer que tenha saído inteiramente vitoriosa desse campo de batalha; há setores dessa língua paraguaia que estão mortalmente feridos. Num primeiro balanço, todavia, pode-se afirmar que, se houve derrotas nas batalhas, a guerra não está perdida. A grande questão reside em saber como e até quando a língua guarani no Paraguai continuará sendo o espaço de liberdade mais irredutível do povo paraguaio.

Estes são alguns aspectos desse descobrimento-encobrimento, que tanta tinta faz gastar. Alguém poderia ficar satisfeito, pois parece que não há nada mais a descobrir e estariam acabados os desafios. O novo da América teria sido definitivamente encoberto. Porém, enquanto a vontade de encobrimento é muito forte na América e define boa parte da vida política e econômica do Continente, há indícios de que nos próximos anos poder-se-á, de fato, descobrir a América.

11. “a tradição oral é a única linguagem que não pode ser saqueada, roubada, repetida, plagiada, copiada”.

1992 vem sendo palco de intensos debates em torno da celebração dos 500 anos do assim chamado descobrimento da América e da evangelização desse continente. Definitivamente, não estamos alinhados com estas posições. O momento é, sobretudo, de reflexão, penitência e compromisso solidário com os povos indígenas, negros e marginalizados.

Com este livro, Edições Paulinas e CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação — pretendem contribuir para a releitura dessa história, hoje marcada pela investida do neocolonialismo e da imposição de modelos econômicos iníquos.

Esta obra quer ser também um testemunho ecumênico, na seleção dos textos e na produção do livro, cujo significado encoraja e enche de esperança a todos os comprometidos com os caminhos da justiça e da paz.

ep
edições paulinas

5990-0

500 ANOS DE INVASÃO, 500 ANOS DE RESISTÊNCIA